

# Encargos acabam em discussão

O debate esquentou entre Edward Amadeo e Carlos Ivan Simonsen Leal, quando entrou em pauta a redução dos encargos trabalhistas. Afinal, eles são dinheiro na mão do trabalhador ou apenas impostos?

**Carlos Ivan:** O custo trabalhista é de 100%. Há uma tendência entre as empresas grandes de terceirizar tudo... E por quê? Para a empresa pequena poder fazer a sonegação.

**Amadeo:** Certo, perfeito.

**Carlos Ivan:** Quando você olha um país que, segundo dizem, 40% dos trabalhadores estão na economia informal, o que a sociedade está lhe dando como mensagem é o seguinte: Não dá.

**Amadeo:** O que fixa o salário do trabalhador? No meu ponto de vista é o mercado.

**Carlos Ivan:** Uma oferta e uma demanda.

**Amadeo:** Isso.

**Fábio:** É difícil o Carlos Ivan discordar disso. (risos)

**Amadeo:** Quando uma empresa e um trabalhador assinam um contrato de trabalho, seja formal ou informal, eu suponho que as forças de mercado estão determinando aquele salário. Quando esse emprego é formal — como se gosta de chamar, mas na verdade é legal — trabalhador e empresa sabem que, exceção ao FGTS, é uma renda diferida no tempo, todo o resto...

**Carlos Ivan:** O qual tem um imposto zinho...

**Amadeo:** 8% dos 100%, Carlos.

**Carlos Ivan:** Eu preferia ter os meus 8%. Aliás, faz o seguinte. Fica com 2% e me dá 6%. (risos)

**Amadeo:** A empresa que me contrata sabe — e eu também — que ao longo de 12 meses vou receber o 13º salário, férias, abono de férias; que minha esposa teria a licença maternidade de quatro meses... Tudo isso, eu conto como rendimento e a empresa conta como custo. Que diferença faz se isso se chama salário ou 13º?

**Carlos Ivan:** Não entendi a pergunta.

**Amadeo:** A pergunta é: se 70% dos 100% de encargos são salários, descontando dos 70% os 8%, dá 62%. Todo o resto é, no máximo, pago ao longo de um ano. Que diferença faz para mim ou para a empresa se eu chamo isso de 13º, férias ou abono de férias?

**Carlos Ivan:** Você está querendo

dizer que o que interessa é o que se recebe líquido, na mão. Com isso nós concordamos plenamente. Agora, o que interessa para a empresa é quanto ela gasta para ter você.

**Amadeo:** Se o mercado fixa o meu salário, vamos fazer o seguinte. De agora em diante, a PUC não me paga mais 13º, nem abono de férias e me paga, em vez dos R\$ 100, R\$ 160. Que diferença faz?

**Carlos Ivan:** No caso da PUC, não sei se faz alguma diferença. Mas no caso de uma empresa, faz diferença. Ela tem um fluxo de caixa.

**Amadeo:** Ah, o problema dos encargos agora é fluxo de caixa?

**Carlos Ivan:** Não. É só uma observação. Quando você quer comprar coisa barata, compra em novembro, na época prévia ao pagamento da primeira parcela do 13º, porque a maior parte das empresas varejistas estão liquidando para fazer caixa.

**Amadeo:** É só fazer uma provisão.

**Carlos Ivan:** Tem gente que não tem crédito.

**Amadeo:** Tá, o problema dos encargos é sazonalidade.

**Carlos Ivan:** Não, não é sazonalidade. Se, por exemplo, eu tenho uma loja e posso ter três ou quatro empregados. Se eu tiver três, tenho certeza de que posso pagar. Mas o quarto empregado entra numa faixa incerta. Prefiro, então, não empregar. Ora, se o custo dessa quarta pessoa fosse mais baixo, sem baixar o salário dos outros, eu empregaria essa quarta pessoa.

**Amadeo:** Mas como custo, se eu estou argumentando que uma parte importante disso é salário? Você teria que diminuir o salário deles para contratar o quarto.

**Carlos Ivan:** Toda a nossa discussão é o seguinte: o que o sujeito vê como salário, para mim, é o que ele recebe na mão.

**Amadeo:** Exatamente. Eu estou dizendo que 60% ou 70% são dinheiro na mão do trabalhador. O resto financia uma coisa chamada seguridade social. A diferença é o INSS. O grande problema é a cunha fiscal.

**Carlos Ivan:** Estamos de acordo!

**Amadeo:** Mas existe algum lugar no mundo onde se paga menos do que 20% de seguridade social? Só no Japão e na Coreia. E no Japão, a razão é simples: a seguridade é feita pela própria empresa.

**“De 1990 para cá, 25% a 30% do que era chamado emprego industrial, no Brasil, sumiu.”**

**Edward Amadeo**



**“Sou otimista em relação ao emprego no Brasil, porque o país vai crescer na distribuição de bens”**

**Carlos Ivan**

